

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO RIO GRANDE DO SUL
UNIDADE EM SANTANA DO LIVRAMENTO
BACHARELADO EM DESENVOLVIMENTO RURAL E GESTÃO
AGROINDUSTRIAL**

DEISI GABRIELE DA ROSA CORREA

**A CONSTRUÇÃO DA AGROINDÚSTRIA COLETIVA DE MULHERES DO
ASSENTAMENTO LIBERDADE NO FUTURO**

Uma história de luta

SANT'ANA DO LIVRAMENTO

2022

DEISI GABRIELE DA ROSA CORREA

**A CONSTRUÇÃO DA AGROINDÚSTRIA COLETIVA DE MULHERES DO
ASSENTAMENTO LIBERDADE NO FUTURO**

Uma história de luta

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Desenvolvimento Rural e Gestão
Agroindustrial na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cassiane da
Costa

SANT'ANA DO LIVRAMENTO

2022

Catálogo de Publicação na Fonte

C824c Correa, Deisi Gabriele da Rosa.

A construção da agroindústria coletiva de mulheres do assentamento liberdade no futuro: uma história de luta. / Deisi Gabriele da Rosa Correa. – Santana do Livramento, 2022.

58 f.

Orientadora: Profa. Dr.^a Cassiane da Costa.

Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Curso de Bacharelado em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial, Unidade de Santana do Livramento, 2022.

1. Protagonismo de Mulheres. 2. Agroindústria. 3. Legislação Sanitária. 4. Qualidade. 5. Formalização. 6. Mercados. I. Costa, Cassiane da. II. Título.

DEISI GABRIELE DA ROSA CORREA

**A CONSTRUÇÃO DA AGROINDÚSTRIA COLETIVA DE MULHERES DO
ASSENTAMENTO LIBERDADE NO FUTURO**

Uma história de luta

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel
em Desenvolvimento Rural e Gestão
Agroindustrial na Universidade
Estadual do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Cassiane da
Costa

Aprovada em: 09/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Cassiane da Costa
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Prof. Dr. Marco Aurélio Torres Rodrigues
Universidade Estadual do Rio Grande do Sul – UERGS

Esp. Cleide de Fátima Luncks de Almeida
E.E.E.M. Antônio Conselheiro

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço ao Governo Olívio Dutra (PT) pelo incentivo na criação da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, possibilitando o acesso a um ensino superior de qualidade para as pessoas, não restringindo esse acesso apenas para a população com poder aquisitivo mais alto. Possibilitando uma graduação para muitos estudantes pobres em uma universidade pública de qualidade, sendo muitas vezes os primeiros de suas famílias a terem uma formação superior.

Agradeço também a minha família, amigos e todos que de maneira direta e indireta, deram suporte e apoio ao longo dessa caminhada, para que eu pudesse finalizar esse ciclo.

A meu filho Joaquim em especial, pela força transmitida a mim, mesmo que ainda ele não tenha o entendimento sobre isso, mas ele foi um dos maiores motivos para que eu não viesse a desistir ao longo desses anos de curso.

Aos meus queridos colegas, professores(as), a todos(as) os funcionários da nossa querida UERGS, pelos conhecimentos repassados a mim nesses anos. Não poderia deixar de citar alguns mestres queridos que contribuíram muito para minha formação, professor Marcio Neske, professor Claudio Becker, professor Marco Aurélio e professor João Carlos. Eu sou muito grata a vocês.

A minha querida professora Cassiane da Costa, amiga e orientadora dessa pesquisa, pela paciência, pelas palavras de apoio nos momentos certos, pela forma linda na qual transmite conhecimento aos seus alunos, em especial a mim.

Meus agradecimentos também as mulheres camponesas moradoras do Cerro dos Munhoz, que foram essenciais para a realização dessa pesquisa.

Essa trajetória não foi fácil, por momentos pensei que não concluiria, porém, o final desse ciclo chegou e o meu coração é só gratidão.

Companheira me ajude, que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor!

Mestra Joana Cavalcante

RESUMO

Nessa monografia estudei como acontece a inserção das agroindústrias familiares nos mercados agroalimentares. O objetivo geral foi compreender o processo de formação da agroindústria coletiva das camponesas do Assentamento Liberdade do Futuro, em Sant'Ana do Livramento/RS, como uma estratégia para acessar mercados agroalimentares. Utilizei como método o estudo de caso. Como abordagem metodológica, utilizei um roteiro de questões, aplicado nas entrevistas com cinco mulheres feirantes que fazem parte da agroindústria coletiva. A comercialização informal dos queijos antes da construção da agroindústria, acontecia com base na confiança entre as mulheres assentadas e os(as) consumidores(as), confiança com base na ideia de qualidade ampla. O cenário de pressão da legislação voltada a grandes agroindústrias e à fiscalização dura sob produtos de origem animal, determinam o que pode ou não ser comercializado e consumido, como forma de diferenciar um produto que tem ou não qualidade. A agroindústria coletiva nasce para formalizar a produção de queijos e possibilitar o acesso aos mercados agroalimentares, embora existam muitas dificuldades para construir a agroindústria e acessar os mercados, garantindo um produto de qualidade e acessível a quem é trabalhador(a). Esse grupo de mulheres que protagoniza a agroindústria coletiva é fruto do trabalho coletivo realizado pelas bases e formações do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST), expressando a força e empoderamento do feminismo camponês popular. As dificuldades encontradas para formalizar uma agroindústria coletiva de famílias assentadas não está de acordo com a realidade da agricultura familiar, necessitando que a legislação e a postura dos órgãos fiscalizadores sejam revistas.

Palavras-chave: protagonismo de mulheres; agroindústria; legislação sanitária; qualidade; formalização; mercados.

SUMMARY

In this monography, It was studied how the insertion of family farmer in agrifood markets happens. The general objective was to comprehend the process of formation of the collective agroindustry of the peasant women of the Settlement Liberdade do Futuro, in Sant'Ana do Livramento/RS, as a strategy to access agrifood markets. The case study method was used. As a methodological approach, the question script was applied in interviews with five women marketers who are part of the collective. Before the construction of the agro-industry informal commercialization took place, based on trust between settled women and consumers and the idea of great quality. The pressure from the legislation aimed at agro-industries and the tough inspection of products of animal origin, determine what can or cannot be sold and consumed, as a way of selecting a product that has or does not have quality. The collective agroindustry was created to assure the production of cheese and provide access to agrifood markets, although there are many difficulties in developing agroindustry and accessing markets, guaranteeing a quality product that is accessible to workers. This group of women who lead the collective agroindustry is the result of the collective work done by the bases and formations of the Landless Rural Workers Movement (MST), expressing the strength and empowerment of popular peasant feminism. The difficulties found to formalize a collective agroindustry of settled families is not in line with the reality of family farming, requiring that the legislation and the position of Organs inspection should be reviewed.

Keywords: women's protagonism; agroindustry; health legislation; quality; formalization; markets.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	OBJETIVOS	13
2.1	Objetivo Geral	13
2.2	Objetivos específicos	13
3	JUSTIFICATIVA	14
4	METODOLOGIA	16
5	REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	18
5.1.	Mercados agroalimentares e agricultura familiar	18
5.2.	Agroindústrias familiares, certificação e qualidade.....	21
5.3	Mulheres assentadas da reforma agrária e suas lutas	25
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	28
6.1	Desafios enfrentados pelas mulheres inseridas em um cenário de informalidade.....	28
6.2	A história da agroindústria coletiva.....	33
6.3	A concretização de um sonho e os desafios do acesso ao mercado	43
6.4	A coletividade entre mulheres camponesas que gera força e visibilidade .	49
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	56
	APÊNDICE – ROTEIRO DE QUESTÕES	58

1 INTRODUÇÃO

Este estudo procura entender algumas das estratégias encontradas por assentadas(os) da reforma agrária que utilizam a formalização de agroindústrias familiares para acessarem os mercados agroalimentares e neles permanecerem. Quero abordar, ao longo desse texto, a formação de uma agroindústria coletiva no município de Sant'Ana do Livramento/RS, localizada em um assentamento da reforma agrária que se chama Liberdade no Futuro.

Os produtos produzidos pelas mulheres no assentamento, mais especificamente os queijos, é fonte de alimento para as famílias, assim como geração de renda, fruto do trabalho das mulheres e todos que ali vivem. Sendo motivo de orgulho, de valorização do saber-fazer de cada um e respeito com o que a natureza lhes oferece. Porém, o estudo nos permite ter a compreensão de como acontecia o processo de comercialização desses produtos antes da formação da agroindústria coletiva dessas mulheres, tendo em vista um cenário vigente muito restrito quanto à produção e comercialização de produtos de origem animal, no que diz respeito ao debate relacionado à qualidade de alimentos e a questões sanitárias. E também, verificar de que maneira está acontecendo o relacionamento com o mercado, após a abertura da agroindústria, mediante a formalização da produção do queijo.

Devido às leis sanitárias existentes no Brasil para a comercialização dos queijos artesanais, a produção dessas mulheres era vista como irregulares aos olhos da legislação atuante, fator esse que as obrigava a comercializar seus produtos de maneira informal. Muitas vezes elas eram tomadas por um sentimento de medo e insegurança, pois era necessário esconder seus queijos para que a fiscalização sanitária não viesse a intervir com o recolhimento dos produtos. Notamos o grande impacto que a legislação sanitária traz para quem trabalha com a fabricação dos queijos artesanais em pequenas quantidades, na exigência de infraestruturas que muitas vezes requer investimentos elevados dificultando e, por vezes, impedindo a formalização desses(as) agricultores(as) familiares.

A qualidade dos alimentos apresenta significados bastante complexos, como é o caso da própria conotação da palavra qualidade. Com a industrialização dos alimentos, que, no Brasil, se intensificou a partir da década de 1980, o entendimento sobre a qualidade dos alimentos vem sofrendo alterações (CRUZ, SCHNEIDER, 2010). Antigamente, antes do início do processo de industrialização, a produção e o processamento de alimentos estavam associados à pequena escala. A presença de práticas e atividades de transformação e/ou processamento de algumas matérias-primas para conservação dava-se, principalmente, no ambiente doméstico e fazia parte da vida dos agricultores e agricultoras, que, ao processar carnes, embutidos, queijos, conservas, compotas etc., garantiam maior diversidade de alimentos (CRUZ, SCHNEIDER, 2010).

Com o crescimento e urbanização da população, a escala de produção de alimentos foi redimensionada para aumentar a produção e a produtividade e, dessa forma, garantir alimentos em quantidades suficientes para alimentar os moradores dos centros urbanos. Gradativamente, a qualidade passou a ser associada a grandes estruturas e a aspectos sanitários, baseados na escala de produção e no modelo produtivo de grandes indústrias de alimentos (CRUZ, SCHNEIDER, 2010).

Através de pesquisas e entrevistas realizadas, percebemos a frustração de muitos camponeses, e principalmente das mulheres, diante dessa legislação que não é adequada a sua realidade. Essas pessoas produziam os queijos artesanais de forma única, cada qual com seu modo de preparo, diversificados sabores para que cada consumidor(a) aprecie não apenas mais um queijo, mas sim todo um contexto histórico que cada produto artesanal traz consigo. O produto traz o sabor de luta e resistência de uma comunidade, tradições preservadas, sendo repassadas por gerações, além de proporcionar o acesso das pessoas ao consumo de produtos da agricultura familiar, onde a produção costuma ser voltada para preservação dos recursos naturais e segurança alimentar.

E essa é a visão de muitas pessoas que tem acesso a esses produtos como consumidores(as). É de que sim, são queijos repletos de qualidades no melhor sentido que a palavra possa ser empregada. Porém, as severas

restrições impostas pela legislação, faz com que haja essa divergência diante do que essas mulheres camponesas produzem, fazendo-as muitas vezes pensar que estavam cometendo crimes e pensar que suas produções talvez não sejam boas o suficiente para atender seus(as) consumidores(as).

E esse trabalho mostra esse sentimento, essa realidade que atingem muitas pessoas, assim também como ele busca entender o caminho percorrido por essas mulheres camponesas que lutaram contra os obstáculos estabelecidos, saindo da informalidade, e com muito trabalho e dificuldades uniram forças e não desistiram da produção dos queijos artesanais. Elas trouxeram visibilidade aos seus produtos com a criação da agroindústria coletiva, onde todos e todas podem trabalhar e gerar renda, inserindo-se no mercado agroalimentar local.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender o processo de formação da agroindústria coletiva das camponesas do Assentamento Liberdade do Futuro, em Sant'Ana do Livramento/RS, como uma estratégia para acessar mercados agroalimentares.

2.2 Objetivos específicos

Entender de que forma acontecia a comercialização informal dos queijos antes da construção da agroindústria coletiva das mulheres.

Verificar como ocorreu o processo de criação e formalização da agroindústria, bem como suas dificuldades.

Sintetizar o conceito do coletivo, expressando sua importância para o fortalecimento das relações entre mulheres camponesas.

3 JUSTIFICATIVA

Essa pesquisa nasceu a partir do interesse individual que obtive após cursar um componente curricular do curso (Gestão da qualidade em propriedades rurais). Esse componente abordava temas relacionados à gestão da qualidade de alimentos em propriedades rurais, apontando todo o processo que se faz necessário para que os agricultores familiares possam processar, manipular e comercializar produtos de origem animal mostrando a necessidade de mais trabalhos direcionados a este tema. Outro fator também, seja pela necessidade de pesquisas mais atuais ligadas ao tema e por ser experiências locais de pessoas que residam em Santana do Livramento e que integram o MST. Entendo a importante contribuição que a agricultura familiar exerce sob a soberania alimentar em todo território nacional, e especificamente o movimento social do MST. Então trazer experiências de lutas e conquistas de produtores(as) de um assentamento do município é muito gratificante para mim que pertenço ao território local e enquanto acadêmica sempre na busca do conhecimento.

Desejo colocar em evidência o papel da mulher camponesa assentada e de quão necessárias elas são para que as coisas aconteçam, pois, as suas lutas repercutem em toda uma sociedade, fortalecendo o feminismo camponês popular¹. A necessidade de falar sobre as riquezas produzidas pelos assentamentos de reforma agrária é outro ponto importante a ser exposto, pelo fato de acreditar muito na reforma agrária e da sua importante necessidade ao combate às desigualdades existentes, tendo em vista um modelo atual de agricultura que nos é oferecido. Esse modelo quase sempre é excludente, sendo reflexo de um processo supressor em vários âmbitos da sociedade, não se restringindo apenas ao campo.

Então é nesta perspectiva que minha pesquisa vem se consolidar, para dar visibilidade à experiência das mulheres do assentamento Liberdade no futuro, que se uniram para que a sua produção de queijos fosse fortalecida e

¹ É o respeito ao nosso modo de vida, baseado no projeto de agricultura camponesa e agroecológica e que busca construir as bases para uma sociedade sem classes, uma sociedade socialista e feminista. (ALMEIDA, JESUS, 2020, p. 76.)

reconhecida. Elas formaram uma agroindústria coletiva para dar continuidade à produção dos queijos, saindo da informalidade e na busca pelo acesso aos mercados agroalimentares.

Acredito na grande contribuição que os(as) agricultores(as) familiares exercem sob o conceito da qualidade ampla dos alimentos. É importante que exista a relação do(a) produtor(a) com o(a) consumidor(a) e o(a) mesmo(a) tenha o discernimento e direito de consumir produtos de qualidade e artesanais, o que é o caso dos queijos produzidos pelas mulheres assentadas. A consciência social, ecológica e cultural na qualidade ampla se destaca, fazendo essa diferenciação do que a qualidade sob a visão sanitária. (SILVEIRA; HEINZ, 2005).

4 METODOLOGIA

Escolhi como método para a realização da seguinte pesquisa o Estudo de caso.

[...] modalidade e pesquisa amplamente utilizadas nas ciências sociais. Consiste no estudo profundo e exaustivo de um ou poucos casos, de maneira que permita seu amplo e detalhado conhecimento [...] (GIL,2017, p.34).

Como ferramentas, realizei entrevistas com o auxílio de roteiro de questões. Também utilizei arquivos de vídeos existentes, gravados em 2022 com entrevistas realizadas por estudantes e professores da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, juntamente com as famílias camponesas do assentamento Liberdade no Futuro que integram a agroindústria coletiva.

Realizei entrevistas com cinco mulheres camponesas do Cerro dos Munhoz, que fazem parte da agroindústria coletiva, ressaltando que a mesma é constituída por dez famílias assentadas. Para cada mulher entrevistada, foi elaborado um termo de consentimento livre e esclarecido que foi devidamente assinado por elas, onde elas me autorizavam a utilização das informações para elaboração da seguinte pesquisa, como também a identificação utilizando os seus nomes reais.

Para a coleta de dados e aplicação do questionário de perguntas, utilizei o intervalo de almoço de meu trabalho no centro da cidade, combinado previamente com duas camponesas que estariam na zona urbana e assim, realizei as entrevistas. Utilizei uma manhã de folga do trabalho para ir até o assentamento Liberdade no Futuro, onde entrevistei mais três mulheres que fazem parte da agroindústria coletiva. Fiz uso de gravador de voz, utilizando meu smartphone para absorver ao máximo as respostas das mulheres, sendo fiel a fala de cada entrevistada. Além disso, também participei de uma reunião de planejamento de mulheres integrantes da agroindústria com professores da UERGS, realizada via Google Meet.

Busquei apoio na bibliografia já existente, com materiais e pesquisas relacionados ao tema a ser abordado, para articular e ter um maior entendimento com a proposta do trabalho, fazendo uso de citações diretas e

indiretas. Fotografias também foram utilizadas ao longo da pesquisa para um melhor entendimento histórico do caso.

5 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

5.1. Mercados agroalimentares e agricultura familiar

As lutas dos(as) agricultores(as) familiares por seus direitos sempre foram voltadas para reivindicações de terra, crédito e justiça social etc. Os mercados e a necessidade de responder a um consumidor(a) ou mesmo para criar uma determinada demanda do consumidor(a), são muito raramente mencionados (SCHNEIDER; SCHUBERT; ESCHER, 2016). Conforme Schneider (1996), o termo mercado se refere a uma situação em que ocorra competição entre dois ou mais agentes econômicos que disputam entre si buscando chegar aos consumidores para vender ou trocar produtos.

Na agricultura familiar, é importante buscar o acesso e a permanência nos mercados. Na passagem abaixo, aparece a definição de agricultura familiar a partir de Schneider.

Os agricultores familiares se caracterizam por uma forma social específica de trabalho e produção, situada em um espaço geográfico definido e que consiste na interação de um grupo familiar, ligado por laços de parentesco, com a terra e com os meios de produção (SCHNEIDER, 2016, p. 95).

Para Maluf (2004), o sistema agroalimentar vem sendo caracterizado pela coexistência de processos de padronização e diferenciação dos gêneros alimentícios, cujo reflexos acabam atingindo a fase agrícola. E em consequência dessa tendência de característica frequente, a sobrevivência da agricultura familiar em regiões onde ela está tradicionalmente presente acaba sendo comprometida.

Por outro lado, o autor afirma que valorizar produtos de qualidade diferenciados cria novas oportunidades de mercado, muitas vezes acessíveis à agricultores(a) familiares. Essas novas oportunidades vão desde a inserção dos agricultores(as) familiares em nichos de mercados nacionais e internacionais, como se vê em produtos artesanais, aqueles com denominação e produtos orgânicos (MALUF, 2004).

Maluf; Wilkinson (1999) enfatizam que as novas possibilidades de integração da agricultura familiar no mercado agroalimentar a partir de estratégias autônomas exigem uma abordagem, na qual os autores se referem em “construção de mercados”, adaptada à realidade do segmento familiar.

Além da ótica da construção de mercados, o conjunto diversificado de atividades produtivas desenvolvidas pela agricultura de base familiar requer combinar a costumeira abordagem de tipo setorial com a consideração da dimensão espacial-territorial da atividade produtiva e das relações mercantis dela derivadas. A abordagem setorial focaliza os produtos ou cadeias produtivas e as características dos mercados segundo o tipo de produto, sendo necessária para tratar dos aspectos específicos ligados à elaboração e à colocação dos produtos nos seus respectivos mercados (MALUF, 2004, p. 305).

Essa agricultura diversa em pequena escala, como diz Maluf (2004) ocasiona a possibilidade de vínculos produtivos e comerciais a serem estabelecidos, direcionados para o consumo de alimentos diferenciados e distribuição. Os consumidores(as) têm a necessidade, cada vez mais, de estarem próximos do ponto de produção, realizando o acompanhamento do processo de fabricação e manipulação dos alimentos. Para Azevedo (2015), essa relação se dá pela construção de um laço de confiança e proximidade de ambos os lados, na dinâmica de face a face.

Como afirma Del Grossi; Marques (2010), referência em empregabilidade rural, a agricultura familiar também é geração de renda e abastecimento do mercado. Sendo referência em preservar o meio ambiente e atribuída a capacidade de produção de culturas diversas e produtos heterogêneos.

O seguinte processo de expansão de mercado, é fundamental como uma estratégia para que os agricultores(as) venham a atingir grandes redes de supermercados com suas produções. Ressaltando, que o objetivo do segmento familiar não seria os mercados de grande escala, mas sim os mercados locais e regionais (MALUF,2004).

Segundo Schneider (2016), a relação dos agricultores familiares com os mercados acontece no cotidiano de formas variadas, tanto pelo lado da demanda quanto pelo lado da oferta. Se relacionam com outros mercados no caso da demanda, (na compra de insumos para realização das atividades,

também com o auxílio de agentes na busca de assistência técnica e com os bancos na possibilidade de linhas de créditos).

De modo geral, a análise dos mercados e suas relações com os agricultores familiares privilegia o enfoque na oferta, quando os resultados da produção são comercializados ou trocados, especialmente no caso de produtores que não apenas produzem para o uso próprio, o autoconsumo (SCHNEIDER, 2016, p.116).

A relação dos agricultores(as) familiares com a oferta acontece por meio das trocas diretas, através dos intermediários, agroindústrias, mercados governamentais e público civil, onde é destinado o escoamento da produção (SCHNEIDER, 2016).

Os quatro tipos de mercados que aos agricultores(as) familiares se inserem, de acordo com SCHNEIDER (2016) são:

1) Mercados de proximidade – Nos quais trocas interpessoais são predominantes, relações de parentesco e reciprocidade. A qualidade dos bens trocados entre si é mais valorizada do que mais propriamente o lucro em si. “Estes mercados tendem em atuar com base em trocas diretas, valorizando a autogestão e a subsidiariedade” (SCHNEIDER, 2016, p. 122-123).

2) Mercados locais e territoriais - as trocas são baseadas dentro da oferta e demanda e onde fator predominante seria o rendimento. “[...] mercados em que os agentes passam a produzir para vender ou trocar para ganhar, configurando-se uma economia mercantil simples.” (SCHNEIDER, 2016, p. 123).

3) Mercados convencionais- mercados comandados por poderosos agentes privados orientados pela oferta e demanda de bens, produtos e mercadorias, venda e compra é seu objetivo.

São mercados de alto risco e incertezas e, portanto, de difícil controle e regulação. Por conta disso, são mercados em que os mecanismos de intermediação passam a ser regidos por complicados contratos de representação, acordos de uso de marcas, regulamentação de percentuais de ganhos e regras de uso e administração de direitos de propriedade. (SCHNEIDER,2016, p. 124).

4) Mercados públicos e institucionais- espaço de troca em que o principal agente é o Estado. Como alguma organização pública ou não governamental.

Os mercados públicos são destinos de grande interesse para os produtos e mercadorias dos agricultores, pois os preços pagos pela demanda dirigida tendem a ser mais elevados do que os mercados convencionais, e o mais importante é que quase sempre há garantia de receber o pagamento. Mais do que qualquer outro, os mercados públicos são efetivamente o resultado de construção social e política, pois lidam com fundos públicos que se originam de contribuições públicas, razão pela qual requerem mecanismos de governança abertos e democráticos. (SCHNEIDER, 2016, p. 125).

Conforme Schneider (2016), os quatro tipos de mercados nos quais os agricultores(as) familiares fazem parte, se diferenciam entre si de acordo com o tipo de agricultor(a) que os acessam. O autor ainda enfatiza, que os mercados são resultados de uma construção social e eles são vistos dentro desses relacionamentos sociais e culturais (SCHNEIDER, 2016).

5.2. Agroindústrias familiares, certificação e qualidade

Quando se fala em agroindústria, logo, associa-se as que se encontram em propriedades de agricultores familiares ou não familiares, como agroindústrias maiores encontradas no meio urbano ou no rural, onde muitas vezes, elas apenas têm acesso aos produtos na forma natural, fornecidos pelos agricultores para industrializá-los. (BASTIAN et al., 2014).

Gazolla e Pelegrini (2009 p. 02) consideram a agroindústria familiar:

como uma atividade de produção de produtos agropecuários com conseqüente transformação destes em derivados alimentares de diversos tipos, ocorrendo, nesse processo, a agregação de valor ao produto final. Além disso, deve-se ressaltar que nestes empreendimentos há grande relevância do trabalho e da gestão por parte do próprio núcleo familiar que é o que empresta sentidos, significados e as estratégias que serão adotadas nesta atividade.

Segundo Maluf (2009), a agroindústria familiar rural passa a ser uma estratégia eficiente para o desenvolvimento rural no Brasil na década de 1990, além de gerar interesses mais profundos acerca da agricultura familiar, fortalecendo políticas públicas voltadas para o segmento agroindustrial.

Através da agroindustrialização do que a agricultura familiar produz, gera a agregação de valor da matéria-prima, ampliando a renda das famílias de agricultores(as) que fazem parte desse segmento e aproximando produtores(as) e consumidores(as) (SCHINAIDER et al, 2018).

Não apenas por se tratar de uma alternativa econômica em função do aumento da renda dos agricultores(as) familiares, em agregar valor aos produtos, mas como aponta Oliveira et al, 1999, p. 08:

(...) a viabilização das agroindústrias familiares tem sua importância sociocultural, que possibilita o resgate, pelos agricultores, desta atividade que no decorrer dos tempos desempenhou e, gradativamente, foi expropriada pelas grandes agroindústrias.

Verificando assim as diferentes formas em que os produtos de origem agroindustrial são comercializados, e as causas diferentes que impulsionam para que isso aconteça, Guimarães e Silveira (2010) fala das diferentes agroindústrias entre si.

De acordo com Bastian et al. (2014), p.56

Assim, propõem que nas experiências de processamento de alimentos no rural existam pelo menos três tipos de agroindústrias: agroindústria caseira, agroindústria familiar artesanal e agroindústria familiar de pequeno porte.

As agroindústrias caseiras são aquelas em que os alimentos beneficiados são para consumo da família, e a venda de algum excedente são realizadas, na grande maioria caracterizadas por não conterem maquinário nem espaço específico para processamento. (BASTIAN et al, 2014).

Os produtos apresentam uma boa aceitação entre os consumidores. Os agricultores que detêm este tipo de agroindústrias não têm interesse em formalizá-las, pois isso exigiria uma reorganização no sistema produtivo da propriedade e traria maiores custos (BASTIAN et al. 2014, p.57).

No caso das agroindústrias familiares artesanais, segundo Sebastian et al. (2014), existe uma preocupação por parte dos agricultores(as) em preservar receitas herdadas de gerações, para que os produtos não percam a identidade existente e sigam um determinado padrão ao ser processado, onde pode-se

notar uma forma de produzir que vem mais de acordo e ao encontro com a legislação.

As agroindústrias familiares de pequeno porte, como afirma Guimarães e Silveira (2010), são aquelas que se assemelham a agroindústrias convencionais, características artesanais não são vistas, os donos executam técnicas para um processamento padrão dos alimentos.

Como cita Bastian et al., 2014, p.54

Observando apenas as que têm vínculos mais fortes com o rural, atualmente nota-se que as agroindústrias familiares e não familiares, mas principalmente as localizadas em unidades familiares, têm se expandido e obtido reconhecimento.

As agroindústrias familiares nascem sob a perspectiva de abrangerem novos nichos de mercados, destacando-se pelos produtos diversos que passam por processos de transformação dentro das propriedades. (NICHELE, WAQUIL, 2011).

(..) mesmo com todos os esforços, existem muitos gargalos nesse setor, quais sejam processos de comercialização e acesso aos mercados, inadequação de embalagens, instalações e tecnologia de produção e, principalmente, no que diz respeito à legislação sanitária e à qualidade destes produtos. (NICHELE, WAQUIL, 2011, p.231).

Segundo Nichele, Waquil (2011) existe uma dificuldade para adequar a produção conforme às normas determinadas pelas instituições governamentais que fazem a regularização desses processos. Isso acontece pelo fato de a grande maioria dos agricultores familiares terem um baixo poder aquisitivo e os investimentos para a regularização serem muito elevados.

As agroindústrias familiares permanecem em funcionamento, só que de uma maneira informal, como afirma Nichele, Waquil, 2011, p.2231:

(..)o que garante a qualidade destes produtos é o marketing “boca-a-boca”, ou seja, a confirmação da qualidade através da opinião de quem já consumiu ou mesmo da força da “palavra” entre produtores e consumidores.

Na maioria das vezes, as pessoas que consomem os produtos e sabem a sua procedência, não estão interessadas em ter o conhecimento se eles foram ou não fabricados dentro das exigências impostas pelas leis sanitárias, pois esses consumidores(as) mantêm relação de confiança com os produtores(as), reconhecendo a qualidade existente no que os agricultores(as) produzem. (BASTIAN et al,2014)

As normas sanitárias vigentes, direcionadas a produção artesanal dos alimentos de origem animal e vegetal, focalizam suas preocupações principalmente no processo de adequação das unidades de processamento das matérias-primas (PREZOTTO,2002).

Para Prezotto (1997), quando os alimentos produzidos de maneira artesanal são adequados às normas legais, eles são submetidos a várias etapas e procedimentos, dentro do processo da produção, voltados para segurança dos consumidores(as). Procedimentos esses, que muitas vezes eliminam por completo o toque especial do artesão na maneira de produção, se não ocorre uma diminuição do modo especial de fabricação artesanal.

Adequações essas, para certificar a “qualidade” do produto, e mediante o poder público que os consumidores possam consumir sem algum risco.

A forma artesanal de produzir, significa que o processo de produção implica em uma dimensão de arte e não meramente técnica. O toque especial que cada produtor dá ao seu produto é o diferencial e o fundamento do artesanal, o que faz cada produto único. Enquanto no processo industrial, o fundamento é a padronização do produto, a garantia de que determinada marca não apresenta variação nem em qualidade, nem nas características do produto, devido a procedimentos técnicos e operações maquinicas sob rígido controle, o artesanal é o império do como fazer, da variável humana, da diferenciação. A criatividade e a inovação permanecem como possibilidade (SILVEIRA, 2005, p.03).

Realizando uma análise de programas que visão o incentivo a agroindústrias familiares Silveira (2005) afirma, que os investimentos para implantação, ocasiona em um aumento na produção, para além da demanda existente no mercado local e regional, e um aumento entre os produtores locais pela disputa de mercado.

A maneira com que a legislação procede diante de uma pequena escala de produção, que é o caso dos produtos de origem artesanal, produzidos pelo segmento familiar, conforme afirma Silveira (2005), direciona os produtores(as)

à informalidade. *“Associando qualidade a estrutura física(...), pois seria necessário um investimento necessário para sua regularização, além de suas possibilidades e interesses”.* (SILVEIRA,2005, p. 04).

Como afirma Prezotto (2002, p. 02):

nas pequenas unidades de processamento de alimentos, “a qualidade dos alimentos(..) está mais ligada à qualidade da matéria prima, à saúde e higiene das pessoas que manipulam os alimentos, à higiene das instalações, ao fluxograma operacional dos trabalhos da agroindústria etc...”.

Segundo Bastian et al. (2014), o envolvimento dos agricultores(as) no processo de produção agroindustrial, e toda aproximação social existente entre agricultor(a) e consumidor(a) com base na confiança, cria oportunidades de comercialização no comércio local, como por exemplo padarias, minimercados e restaurantes. Sem falar nas feiras ecológicas, onde podemos ver os agricultores(as) com seus alimentos agroindustrializados realizando a venda diretamente para seus consumidores(as).

5.3 Mulheres assentadas da reforma agrária e suas lutas

O Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra, é também conhecido como Movimento dos Sem Terra (MST), tem origem nas lutas pela terra, sendo fruto de uma questão agrária, sendo histórica no Brasil. (CALDART,2001). Grandiosas são as desigualdades existentes na estrutura fundiária do país, como bem lembra Carter (2010), várias mobilizações populares surgiram na década de 1980, onde pressionavam o Estado para promover a reforma agrária².

Na história do Brasil, o MST não é o primeiro movimento social a lutar pela terra, existem vários relatos de revoltas camponesas, porém, permaneceram limitados a regiões de onde surgiram. (COMPARATO, 2001).

O MST foi instituído formalmente e em nível nacional em janeiro de 1984. Um ano mais tarde, o Brasil testemunhou a inauguração de um

² Reforma agrária é a revisão e redistribuição das terras de um país visando à maior democratização do acesso à terra e ao reconhecimento do valor social da terra.

novo governo civil, sob a promessa de executar um amplo programa de reforma agrária. (CARTER, 2010, p.38).

Desde o seu surgimento, o MST desenvolve uma admirável organização popular, como afirma Carter (2010) o movimento se faz presente em quase todo o território nacional, com milhões de membros e expressivos assentamentos agrícolas, também conta com escolas de níveis primários e superior, além de cooperativas e agroindústrias.

De acordo com Aro, Ferrante (2013), as mulheres assentadas desempenham papel fundamental dentro dos assentamentos, são responsáveis pela construção dos lugares, alimentação, cuidados com os animais. Elas também são guardiãs dos valores culturais e sociais do grupo, elas têm grande conhecimento das ervas medicinais, cultivo e administração de remédios.

As mulheres militantes do MST são protagonistas em diversos âmbitos sociais e em períodos históricos, seja no espaço privado seja no público – que se relacionam e não podem ser considerados de modo dicotômico. Atuam de modo dinâmico e como referência importante nos processos de reprodução familiar e social, mesmo sabendo que este papel não foi reconhecido de modo legítimo, especialmente no campo dos registros e produções teóricas. Isso porque, estamos falando de uma história escrita entre olhares e dominação masculina, o que dificultou a visibilidade da participação das mulheres. (FARIAS,2011, p. 6-7)

As mulheres desempenham um importante papel dentro dos assentamentos, elas realizam a função de educadoras, são responsáveis pelas tarefas de reprodução e, como trabalhadoras rurais, por atividades produtivas no campo ou em casa. Esse protagonismo feminino, sendo desempenhado em condições equivalentes em relação aos homens no acampamento, é expresso numa aparente condição de subalternação, que é imposta às mulheres de maneira social e cultural (PAVAN, 2012).

Como lembra Medeiros (2008), é quase sempre enfatizado em todas as pesquisas relacionadas ao tema que a produção agropecuária nos assentamentos está organizada por meio do trabalho da família, sendo o homem visto como o “chefe”, cabendo a ele a responsabilidade pelo lote, pelas decisões em torno da produção e comercialização, administração também, através com o contato com bancos, referente aos maquinários, contato com

cooperativas e técnicos. Realizando essas atividades, o homem acumula conhecimentos específicos e relações que o mantêm na posição de poder.

No estado do Rio Grande do Sul, o campesinato é configurado como espaço social de disputas de poder e uma forte dominação masculina. Em várias questões ligadas a ruralidade, as mulheres camponesas sofrem historicamente, mas podemos ver uma organização de maneira coletiva, onde elas estão conquistando direitos e lutando por equidade de gênero (COSTA, MARIN, 2018).

Conforme Allende (2019), as camponesas vêm superando diversas barreiras impostas pelo machismo e misoginia, buscando a valorização das demais mulheres.

Elas fazem parte da realidade a ser estudada e reconhecida, são exemplos de trabalho, resistência e luta por sua autonomia para garantir a permanência de suas famílias no campo. O protagonismo das camponesas nas feiras é resultado ou reflexo da sua dedicação na unidade de produção familiar [...] e diferencial enquanto mulher “Sem Terra” é o tempo de lutas, trabalho e capacitações pelo movimento. (ALLENDE, 2019, p.54).

Essa força e luta das mulheres camponesas é representada por mobilizações e engajamento delas, sendo bem representado pelo que é denominado de Feminismo Camponês Popular, onde é discutido coletivamente as necessidades diárias dessas mulheres camponesas (DE CAMPOS, 2021).

Como bem lembra De Campos (2021) através das reuniões de camponesas brasileiras que fazem parte do Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), surgiu o conceito de Feminismo Camponês Popular, sendo reconhecido pelos movimentos que compõem a Via Campesina³, entre eles o MST.

³ É uma organização internacional que articula movimentos camponeses. Ela surge e se desenvolve contrapondo-se ao avanço do modelo dominante de produção agropecuária em nível mundial das últimas décadas, na busca pela construção de uma alternativa a esse modelo.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

6.1 Desafios enfrentados pelas mulheres inseridas em um cenário de informalidade

Quando adquirimos um alimento produzido por mãos de agricultores(as) familiares assentados(as), além de adquirir pelo diferencial associado a produtos desse segmento familiar, como questões relacionadas à diversidade de alimentos, alimentação saudável, no caso dos produtos de feira, que em sua grande maioria são livres de agrotóxicos. Adquirimos juntamente com eles o saber fazer, muitas histórias de vida, dificuldades, superações e desafios que lhe são impostos. Um exemplo real desses obstáculos, está na comercialização do queijo caseiro e artesanal, por se tratar de um item de origem animal que demanda cuidados específicos até chegar na mesa do(a) consumidor(a).

As mulheres camponesas do Cerro dos Munhoz, conhecem como ninguém os obstáculos que enfrentaram, antes de formalizar a produção dos queijos feitos em casa. Elas fabricavam as peças de queijo para serem vendidos nas feiras que são realizadas em diversos pontos aqui de Livramento, conforme relata a camponesa Oliva, que é uma das mais velhas, entre as mulheres do grupo que compõem a agroindústria, com os seus 70 anos. Ela comenta que fazer queijo em casa é uma coisa natural de qualquer pessoa que venha do campo, sendo difícil alguém que se criou no campo não aprender a fazer um queijo.

Desde quando a gente na casa dos pais, se tinha à vontade e não só isso eu acho é um dom fazer queijo, pra comer e pra vender um pouco (risos). Então o queijo sempre foi a nossa primeira parte da família, porque com o queijo nós sempre tomava café com pão, com a nata ele sempre estava presente na mesa no café e a noite também, a gente fazia o queijo frito. É algo que vem vindo desde o tempo de criança, na verdade sempre se tirou leite se fez o queijo e se vendia também (ENTREVISTADA OLIVA, 2022).

Os queijos comercializados por elas, antes da formalização, eram aqueles feitos na casa de cada mulher do assentamento, dentro de suas cozinhas, seguindo a receita e modo de preparo pessoal (saber fazer passado de geração em geração). Não estava de acordo com o que a legislação em vigor denomina ser o correto jeito de manipular para comercialização e

consumo, mas era feito com apreço, higiene e cuidado, o que está dentro do conceito de qualidade ampla. Estaria fora dos padrões da qualidade sanitária que a fiscalização exige. Então, para elas sempre foi motivo de tensão o deslocamento do assentamento até a cidade, com seus queijos para levá-los até as feiras ou mesmo diretamente na casa de seus(suas) clientes, mas principalmente nas feiras, pelo fato dos fiscais da vigilância sanitária, aparecerem e confiscarem as peças.

A entrevistada Ana relata sobre a questão das abordagens de fiscais municipais da vigilância, para examinarem as produções de queijos em alguns pontos, onde aconteciam as feiras.

Eu mesma nunca fiz feira no terminal do ônibus, mas as mulheres que fazem feiras lá, há, meu Deus, sofreram! E sofrem até hoje, porque a fiscalização ali é muito, porque ali é muito no centro. E não deveria ser assim. Sabe que lá onde a gente morava tipo em Sarandi e em Palmeiras das Missões, lá eles fazem a feira, a feirona do município com o apoio do prefeito e tudo. E lá eles vendem todos os produtos dos colonos. É queijo, é ovos, é leite, é galinha, galinha viva, qualquer coisa, leitão. E aqui a nossa prefeitura sempre foi assim, nessa fiscalização, com essa administração, talvez um pouco de ignorância dessa parte de gestão. Porque o nosso produto é bom. (ENTREVISTADA ANA, 2022).

Ana ressalta a qualidade do produto, qualidade ampla. Como conta a camponesa Oliva, era como se toda vez de levar o queijo nas feiras tivessem que enfrentar uma guerra, não sabendo o que aconteceria. Em entrevista com a camponesa Carmem, ela falou dessas dificuldades que passavam, pelo fato de estar na informalidade.

A dificuldade era na fiscalização, porque os queijos eram muito bem aceitos que as meninas faziam e vendiam e tem feira em vários pontos da cidade, então tem algumas que continuam vendendo artesanal, mas as dificuldades são essas a vigilância sanitária, na medida que tu não tens o porte eles vão lá, ou recolhem ou mandam parar. (ENTREVISTADA CARMEM, 2022).

Conhecendo um pouco mais da trajetória de luta dessas mulheres camponesas, diante desses fatos relacionados a um conhecimento tão rico que é específico da mulher do campo com o preparo de um alimento, como no caso do queijo, o saber fazer que é passado de mãe para filha. Devo compartilhar do mesmo sentimento que a camponesa dona Carmem afirma quando diz que a

sensação é de estarem cometendo um crime, de ser um “bandido”, em relação a forma invasiva com a qual a fiscalização atua recolhendo os queijos.

Outro ponto importante relacionado à comercialização, foi quando a pandemia de Covid-19 iniciou. Elas tiveram que reinventar a maneira de fazer as feiras, pelo fato de as pessoas estarem em um momento de isolamento social, evitando transitar nas ruas e de estar em contato físico. Mais uma vez, elas superaram desafios para garantir a rentabilidade familiar e não deixaram seus(suas) clientes sem adquirir os seus produtos de feira e lá estava o queijo se fazendo presente na mesa dos(as) clientes e consumidores(as) em tempos de pandemia. Através de ferramentas virtuais, mantiveram contato com seus clientes, organizando pedidos e agendando dias de entregas (DE CAMPOS; DA COSTA, 2022).

As barreiras enfrentadas pelas mulheres camponesas e assentadas do Cerro dos Munhoz em Livramento, a cerca dessa comercialização informal é algo que não é exclusivamente direcionada a elas em especial, mas sim de todo agricultor(a) familiar que produz em pequena quantidade para sustento e autoconsumo e comercializa o excedente. Existe uma contradição no que as leis exigem nesse aspecto de formalização, muitas vezes não condizendo com a realidade dos agricultores(as) familiares. Dificultando o acesso e inserção dessas pessoas nos mercados agroalimentares, sendo eles(as) que produzem com tanta consciência, cultural, social e ecológica. É justo que para uma família comercializar algumas peças de queijo sem medo precisem investir cerca de R\$50.000,00? Qual família tem esse dinheiro guardado? Quantos queijos precisam vender para recuperar o investimento inicial? Os órgãos públicos que cobram a legalização, como a Prefeitura Municipal, auxiliam as famílias na busca por recursos?

Uma flexibilização deveria existir a respeito dessas normas, principalmente relacionadas a questões de qualidade, porque observando do ponto de vista das leis no que diz respeito sobre um produto ter ou não qualidade, elas condenam esses queijos fabricados pelas mulheres camponesas, alegando não existir qualidade neles. Conforme a camponesa Luci relata, a higienização na hora de fazer um queijo e a limpeza são pontos

fundamentais e indispensáveis na preparação. Com suas palavras, ela fala sobre a qualidade ampla.

Eu entendo por qualidade o modo de fazer, o capricho na hora de fazer qualquer coisa que tu vais fazer né, eu acho que tu tens que ter amor pelo que tu vais fazer, isso entra muito na qualidade, é o capricho, se tá tudo limpo e bem feitinho. Porque independente se tu vais fazer caseiro ou na agroindústria, se tu não tiveres um pouco de amor, se tu não gostares do que tu vais fazer e não tiveres uma limpeza adequada, tu não vais ter qualidade. Mas eu vejo assim que qualidade é o amor pelo o que tu vais fazer e a questão de higienização mesmo, e na questão de qualidade de um queijo feito em casa e um feito na agroindústria pra mim não tem diferença, eu vejo assim. Porque quem faz o queijo em casa, gosta de fazer, gosta de mexer de ir lá e fazer o queijo e vai fazer com amor e vai fazer com a total limpeza necessária que precisa, porque tu estás na tua cozinha, tu não vais fazer de qualquer jeito [...] (ENTREVISTADA LUCIMARA,2022).

A qualidade atribuída ao queijo, segundo a camponesa Marli se dá na fabricação tanto de um queijo artesanal, quanto no queijo feito em uma agroindústria, porque segundo ela a qualidade começa desde a ração que a vaca se alimenta, também com os cuidados das vacinas e higiene correta no local de manuseio dos equipamentos. E como complementa a camponesa Lucimara, a diferença que na agroindústria tem um fiscal, para ir controlar e fiscalizar os locais e etapas envolvidas e que na produção de um queijo não formalizado, feito em casa o fiscal são elas mesmas, que devem manter esses cuidados, até por ser o mesmo queijo consumido pela família.

Para mim as normas de higiene, elas sempre têm que existir, a gente tem que ter pra família da gente. Como é que tu vais fazer uma coisa suja pra tua família comer? As normas sanitárias pra mim não tem diferença, porque você sempre produz dentro da limpeza né, como nós vendemos leite pra Coperforte, então as vacas tem acompanhamento de dois veterinários, um da Coperforte e outro da Embrapa.

Nós temos um pesquisador da Embrapa que faz um acompanhamento mensal aqui conosco e o recolhimento da amostra do leite ele vai todos os dias né, então passa por tudo isso. Então, a questão da higienização não é só na hora de produzir o queijo, começa antes, começa na alimentação da vaca e nos cuidados e manejos que você tem com os animais. Porque se não é um leite bem limpo não adianta ser pasteurizado né, começa desde o tratamento que você faz com medicamentos dos animais, saber o tempo de carência dos medicamentos, pra saber se aquele pode ser colocado na produção ou não (ENTREVISTADA MARLI, 2022).

Conforme a entrevistada Carmem comenta, os queijos feitos artesanalmente por elas e demais mulheres dos assentamentos, possuem muita qualidade, relacionado aos cuidados com o modo de preparo. No entanto, eles não possuíam o selo de certificação e inspeções sanitárias que os regula para a comercialização de maneira legal.

Eles possuem sim uma qualidade, porque as famílias que fazem, fazem ele pra comer em casa, então não iam fazer uma coisa sem qualidade pra comerem, então existe essa qualidade, o que não existe é a regularização. E é um queijo diferenciado, que eu acredito que sejam gostos diferentes, sabor diferente. (ENTREVISTADA CARMEM, 2022).

Entendo que deveria haver um acompanhamento conforme as necessidades das famílias que comercializam a produção agroindustrial ainda sem formalizar. Para isso, seria montada uma equipe multidisciplinar de profissionais da SMAPA, Vigilância Sanitária, Serviço de Inspeção Sanitária e ASCAR-EMATER/RS. O acompanhamento se daria no sentido de apoiar e informar, não de punir. Seriam informadas as leis e adequações necessárias para formalizar a produção, elaborados projetos em conjunto com as famílias e a partir da realidade e condições de cada uma. Também seriam informadas possibilidades de acesso a recursos a fundo perdido, auxiliando na submissão de projetos, e possibilidade de acessar empréstimos específicos para agroindústrias familiares.

Ainda, é necessário ofertar formações constantes e gratuitas no município, como curso de boas práticas de fabricação e fazer um acompanhamento da produção e comercialização, buscando garantir a qualidade (qualidade ampla) até que a família consiga formalizar a produção. É possível fazer isso? Sim, e já foi sugerido pela Prof.^a Dr.^a Cassiane da Costa aos órgãos competentes no município em reunião em 2022. Entretanto, é mais fácil a ação fiscalizatória de proibir com a lei na mão.

6.2 A história da agroindústria coletiva

Há 31 anos que as primeiras famílias de diversas partes do estado do

RS, foram assentadas no município de Sant 'Ana do Livramento, formando vários assentamentos da reforma agrária, possibilitando para essas pessoas a construção de novas oportunidades de vida, proporcionadas pela luta, fruto do trabalho em cima de uma terra. As famílias domiciliaram-se nos lotes e a partir deles trabalharam com variadas atividades agropecuárias, entre elas, bovinocultura de leite e produção de hortaliças, sendo a principal fonte de renda das famílias nos assentamentos.

Como é de conhecimento da grande maioria, a fronteira aqui de Livramento com Rivera/ UY, é famosa pelas grandes extensões territoriais e destaca-se na pecuária de bovinos e ovinos, tendo uma cultura muito ligada ao tradicionalismo gaúcho, onde a figura do gaúcho e do cavalo são referências. Por se tratar de território com predominância das antigas estâncias dos tempos de sesmarias, o povo natural do município ainda tem muito desses resquícios que o modelo da época impunha. Por ser 'cria' da fronteira e mulher, percebo esses traços na grande parte da população da região da campanha, mais especificamente da população rural, onde, infelizmente, há uma herança fortemente predominante de preconceitos, machismo e autoritarismo.

Sem sombra de dúvidas, essas mulheres, homens, jovens e crianças assentados(as) da reforma agrária aqui no município, tiveram que enfrentar uma série de questões para "fincar os seus pés na terra", e nela trabalhar em busca de respeito, igualdade e reconhecimento. O trabalho com a bovinocultura de leite foi a atividade que ganhou mais força, até pelo tamanho de área de campo disponibilizada no lote para cada família nos assentamentos, sendo ideal para essa produção.

Esse fortalecimento no trabalho com o gado de leite dentro dos assentamentos, obteve impacto direto e positivo na bacia leiteira do município, começa-se então, visualizar a predominância de uma atividade agropecuária de extrema importância, por se tratar de um produto essencial, o leite, matéria prima fundamental para tantos outros alimentos como no caso do queijo por exemplo.

O leite, por se tratar de um produto perecível e que demanda cuidados com armazenamento adequado e transporte devido, após muitas reuniões em

conjunto com as pessoas dos assentamentos, que tinham como pauta principal o processo de escoamento dessa produção leiteira das propriedades rurais, foi fundada uma cooperativa para possibilitar esse suporte. Foi criada então em 1992 a COPERFORTE (Cooperativa Regional dos Assentados da Fronteira Oeste), cooperativa na qual alego-me em ter tido oportunidade de trabalhar por determinado tempo, e grata pelos conhecimentos adquiridos e convivência com as pessoas de diversos assentamentos, e principalmente as mulheres do MST em especial do assentamento Liberdade no Futuro.

Localizado na região rural de Livramento, precisamente no Cerro dos Munhoz, aproximadamente a uns 25 a 30km do centro da cidade, encontra-se o assentamento denominado Liberdade no Futuro, sendo um dos primeiros a chegar no município. Ele conta com a presença de muitas famílias, homens e mulheres que lutam e trabalham desde então nessa terra.

Como é de costume do próprio movimento do MST, as mulheres exercem um grande diferencial dentro dos assentamentos, elas protagonizam muitas funções, sendo elas relacionadas a produção de alimentos oriundos da horta, na produção de compotas, de doces, na fabricação dos queijos, artesanato, na participação social e política, estando a frente das feiras em diversos pontos da cidade para comercializar os produtos e também protagonizando a força das mulheres camponesas assentadas da reforma agrária (ALLENDE, 2019). Elas como camponesas e regadas de conhecimentos trazidos pelas gerações anteriores, carregam na essência da fabricação de seus produtos, em especial do queijo, todo saber fazer existente, fabricando um queijo caseiro que além de servir para o consumo de suas famílias também é comercializado para contribuição da renda.

O queijo caseiro fabricado pelas mulheres do Cerro dos Munhoz é muito querido pelos(as) consumidores(as) do município, se tornou uma das referências, assim como os produtos de feira que elas comercializam em vários pontos da cidade. E para elas sempre foi motivo de orgulho essa associação de referência, relacionada à qualidade, alimentação saudável, respeito com o que o campo oferece e representatividade em muitas lutas.

Em decorrência das legislações sanitárias existentes, que atuam em

território nacional, os processamentos de produtos de origem animal são submetidos por essas leis, a uma vasta quantidade de normas no que diz respeito a questões relacionadas com a fabricação, armazenamento e qualidade. E essas exigências se fizeram severamente presentes sob a produção dos queijos desse grupo de mulheres camponesas e assentadas em questão. Se tornando motivo de muita frustração para quem produz um queijo com muito apreço e capricho. Não bastando apenas a relação de confiabilidade adquirida pelos anos entre agricultores(as) e consumidores(as) na comercialização diária, mas sim ser válida aquela imposta pelo o que a fiscalização e legislação diz estar dentro das normas legais para que se possa ser comercializado e consumido.

Um sonho foi idealizado por essas mulheres, sair desse cenário conturbado em que por diversas vezes a fiscalização as obrigavam a recolher seus queijos, não querendo mais, de certa forma trabalharem às escondidas. E para tanto, o caminho seria a construção de uma agroindústria de queijos, para que estivessem em acordo com o que a lei as exigia.

Assim, um caminho de muita luta inicia para essas mulheres do assentamento que como o nome diz, Liberdade no Futuro, enfrentariam para a realização desse sonho, que não se limitou a um sonho individual apenas, mas sim seria uma realização coletiva. Trata-se de um sonho sonhado em conjunto, pois a tão sonhada liberdade de comercializar os queijos sem empecilhos, não estava restrito apenas a uma mulher, e sim todas as mulheres envolvidas nas feiras e em sua grande maioria pertencentes ao Cerro dos Munhoz.

Embora, exista um real preconceito em relação as pessoas do campo, e se tratando das pessoas assentadas e principalmente em relação as pessoas do Movimento dos Trabalhadores Sem-terra (MST), sabemos que existe também muito apoio de instituições, como universidades, órgãos competentes que trabalham em prol do fortalecimento de causas legítimas como as das mulheres do assentamento Liberdade no Futuro. E com o apoio de pessoas que se colocaram junto ao grupo para que as coisas acontecessem. Há cerca de três anos atrás, iniciou-se o planejamento e a construção da agroindústria coletiva. Em uma reunião de mulheres realizadas na E.E.E.M. Antônio Conselheiro, em assentamento próximo ao Liberdade no futuro, dona Ana

Piccolo fez um relato emocionado sobre a comercialização de queijos coloniais. Ele relatou o amor que colocava em cada produto, dedicação e cuidado nos queijos a serem comercializados da mesma forma que nos queijos destinados ao autoconsumo da família. Na oportunidade, dona Ana também relatou a dificuldade de comercializar informalmente os queijos nas feiras que participa durante décadas, onde ela e outras mulheres assentadas muitas vezes se sentiam tratadas como ‘bandidas’ por vender um produto que sabiam que tinha qualidade e era feito com amor. Os momentos de apreensões dos produtos, a forma de tratamento dado pela fiscalização também foi lembrado por ela e outras mulheres com tristeza. Isso gerou a vontade de formalizar a produção de queijos, um sonho coletivo protagonizado por mulheres.

O planejamento iniciou com a escolha do lugar e constituição do grupo de pessoas interessadas a participar. Várias famílias passaram a compartilhar o sonho, sendo a frente sempre das mulheres. Em 2019, foi aberto um edital de apoio a pequenos projetos pelo Sicredi. Esse edital foi apresentado às mulheres do grupo pela professora Cassiane da Costa durante reunião realizada em uma ocupação que acontecia na Secretaria Municipal da Agricultura e Agropecuária de Santana do Livramento (SMAPA). Na oportunidade foi construído um projeto de forma coletiva e submetido ao edital. O projeto foi aprovado e marcou o início da reforma de um prédio histórico para o assentamento, uma escola que estava desativada. O grupo colocou a mão na massa, e no bolso também, pois foi preciso juntar investimento das famílias nessa e em outras etapas da construção da agroindústria.

Imagem 01 – Reunião para elaboração do projeto submetido e aprovado no Edital Sicredi, primeiro passo da agroindústria



Fonte: Arquivo pessoal da Prof. Cassiane da Costa.

Na sequência, foi elaborado e aprovado um projeto em edital de apoio a pequenos projetos da Fundação Luterana de Diaconia (FLD). Esse recurso possibilitou dar continuidade à obra e comprar máquinas e equipamentos. Também foi criado um projeto de amigos(as) da agroindústria que possibilitou a pessoas da cidade que investisse recurso no projeto no valor de R\$250,00 cada e recebessem o retorno na forma de produtos do campo recebidos das famílias. A parceria com a COPERFORTE possibilitou a disponibilização de um resfriador de leite. O projeto de Incubação de Empreendimentos de Economia Solidária Fronteira da Paz, coordenado pelo Prof. Altacir Bunde da Unipampa, possibilitou a compra de uma mini câmara fria e um aparelho analisador de leite Mik Test. O recurso foi oriundo de emenda da Deputada Federal Fernanda Melchionna. O Programa FEAPER, através da mediação da equipe do escritório local da ASCAR-EMATER/RS, possibilitou a aquisição de um pasteurizador. Um projeto voltado à economia solidária financiado pelo SICREDI e coordenado pela Prof. Cassiane da Costa possibilitou a compra de três caixas térmicas e rótulos para os queijos. Por fim, o grupo adquiriu mais

uma câmara fria com recursos próprios.

Fica claro o quanto foi necessário lutar e perseverar nesse projeto. O grupo o fez com garra e determinação. Inicialmente a documentação para formalização da agroindústria foi encaminhada através do CNPJ da associação do assentamento. Posteriormente, foi decidido criar uma associação. Foi contratada uma responsável técnica. Foram realizadas formações externas, como os cursos voltados à produção na Escola da Fundação Bradesco, em Rosário do Sul, e no Centro de Formação da ASCAR-EMATER/RS na Serra Gaúcha. Também foram realizadas inúmeras reuniões com o grupo para decidir os caminhos a serem trilhados. E assim nasceu a Agroindústria Sabores do Campo, com nome e desenho escolhidos no coletivo.

Assim, as famílias, e especialmente as mulheres que protagonizaram a luta, conseguiram que seu projeto obtivesse retorno, para que o sonho de legalizar a produção de queijos delas fosse colocado em prática. Uma conquista muito significativa para todas as pessoas envolvidas, mesmo com muitas dificuldades em função das demandas exigidas para a abertura de uma agroindústria, como exigências de infraestrutura, burocracias e taxas.

No prédio da agroindústria, a professora da UERGS, Cassiane da Costa, no primeiro semestre de 2022, fez uma reunião com o grupo da agroindústria e uma turma de estudantes da agronomia. Na oportunidade, foi feita uma roda de conversa com as pessoas envolvidas nesse processo, relembrando a trajetória de luta na construção desse sonho coletivo.

É uma marca da luta de vocês a questão da legalização dos queijos. [...] E nesse dia, a gente construiu esse projeto aqui, que é o projeto Mulheres agroindustrializando alimentos e alimentando sonhos do Cerro dos Munhoz em Livramento, que nós apresentamos então no Sicredi, não sei se vocês lembram? E nós construímos então esse projeto, sentamos em volta de uma mesa, e o projeto foi construído coletivamente (Cassiane,2022).

Essa fala foi feita pela professora enquanto mostrava a foto da primeira reunião de planejamento da agroindústria, realizada na SMAPA. A história da agroindústria foi lembrada nesse dia através de imagens.

Imagem 02: Professora Cassiane em roda de conversa no Cerro dos Munhoz

Fonte: Arquivo pessoal da professora Cassiane, 2022.

Foi uma reunião emocionante. Seu Vicente Wiles, coordenador regional do MST e integrante do grupo da agroindústria, falou da importância das agroindústrias no modelo atual que é um modelo excludente, do agronegócio, e grandes commodities, que não agrega nada à população no campo.

[...] meia dúzia de máquinas e algumas pessoas na frente tocam, mas agora para produzir alimento que vai para comida da população, mandioca, batata, queijo, galinha e ovos por exemplo, precisamos que a população fique no campo para produzir em um modelo diferenciado, por isso que a agroindústria é uma ferramenta com um papel fundamental (VICENTE, 2022).

O projeto saiu do papel e começa a tomar forma, o sonho da legalização da produção passa a ser uma realidade, que coletivamente foi construído. Como fala a camponesa dona Carmem, 2022 “[...]ter as famílias participando nesse resgate de uma agroindústria coletiva, pra mim é o nosso sonho coletivo que não morreu.”

Imagem 03: momento de reflexões e fala das pessoas do assentamento sobre a conquista da agroindústria coletiva



Fonte: Arquivos da professora Cassiane, 2022.

A camponesa Cleide ainda enfatiza, que pelo fato de ser uma agroindústria coletiva, as pessoas pensam diferente, e talvez seja um fator pela qual obteve tanta demora para a liberação, e que talvez se fosse uma agroindústria de uma só pessoa já estivesse em funcionamento bem antes, mas sendo assim os passos são mais lentos. *“sozinho a gente não caminha, tem que ter esforço coletivo, dedicação individual e liderança”*. (CLEIDE, 2022).

Imagem 04: Queijo do tipo colonial fabricado pela agroindústria coletiva das mulheres e comercializado em feira logo após a formalização



Fonte: Arquivo pessoal de professora Cassiane, 2022.

Em outubro de 2022 a agroindústria recebeu a autorização para iniciar suas atividades. Agora o queijo colonial e o queijo temperado produzidos são legalizados. Optou-se por adquirir a produção de leite de um lote e agroindustrializar. Uma mulher faz os queijos, a outra vira. A produção é comercializada em feira e entregue nas casas dos(as) consumidores(as) a partir de encomenda por redes sociais. O primeiro passo foi dado. Surgem novos desafios.

6.3 A concretização de um sonho e os desafios do acesso ao mercado

A partir de um desejo coletivo das mulheres do assentamento Liberdade no Futuro, que sempre realizavam as feiras na cidade e nelas vendiam seus queijos artesanais, realizou-se a tão sonhada construção de uma agroindústria coletiva, para que estivessem trabalhando de maneira correta, conforme a legislação municipal exige. Formalizar a produção do queijo, também seria para elas a maneira de compensar a crise que se deu na venda do leite, e como muitas das famílias do assentamento trabalham com o leite, encontraram na fabricação dos queijos uma alternativa.

Com a notícia vinda de parte da professora Cassiane da UERGS, tão importantes para a realização desse sonho, conforme afirmam Carmem e Ana, na qual, seria disponibilizado um recurso no banco Sicredi para investimento e fortalecimento de algum projeto destinado para essas mulheres assentadas. Não tiveram dúvidas de onde aplicar esse investimento e logo começaram as reformas no prédio, localizado no assentamento, para assim, dar início aos trabalhos da agroindústria.

Nós sempre pensávamos em ocupar aquele espaço que tinha ali né, e outra que o leite estava em baixa, e a gente tinha boas vendas e bom lucro e agregando essa parte do queijo se aproveita mais né. (ENTREVISTADA OLIVA, 2022).

Com o recurso disponível de R\$20.000,00, elas puderam dar um “pontapé inicial”, para finalmente conseguirem a tão sonhada legalização dos seus queijos, e assim, trabalharem mais tranquilas, podendo comercializar as peças sem se preocuparem com a fiscalização. Investiram na estrutura do prédio, com material de construção e equipamentos necessários para armazenar e produzir os queijos. Tudo conforme denomina a legislação para transformar e processar produtos de origem animal. “E nós sempre tínhamos essa vontade de legalizar, fazer um produto legal pra não entregar o produto que trazia de casa, então foi isso que animou”. (ENTREVISTADA CARMEM, 2022).

Imagem 05 – Carmen e Ana trabalhando na reforma do prédio da agroindústria



Fonte: Arquivo pessoal de Cassiane da Costa.

Da mesma maneira que as motivou para enfim poderem legalizar seus queijos, um impacto muito grande foi causado ao se depararem com as restritas exigências impostas para que uma agroindústria esteja em funcionamento, seja ela pequena, de médio ou grande porte. Não havendo

uma divisão na lei que as diferencie, elevando extremamente os custos de produção.

Conforme a entrevistada Lucimara afirma, tiveram e ainda estão tendo muita dificuldade com a parte de impostos e tributação, para que o queijo seja vendido, e que as despesas são muitas e de início não terão retorno financeiro algum.

Essa parte da legalização da agroindústria, é muito puxado, envolve muito dinheiro, envolve muito tempo, envolve muita paciência, é muita burocracia, Meu Deus do Céu! Eu particularmente acho exagerado, tá. Envolve tudo uma questão de imposto sabe, de grandes empresas dominar o mercado e o pequeno produtor ter que tá dentro de uma legislação que tá fora da realidade nossa, falando de nós da agroindústria. Porque uma indústria grande tem essas exigências e nós enquanto pequenos também, só que a nossa capacidade é muito menor, é 1,1% de uma grande empresa entendeu? Então eu acho que é um exagero, teria que ter uma lei dentro dessa lei, porque é tudo dentro de lei e de lei, e exigências em cima de exigências que isentaria algumas questões da pequena agroindústria [...] (ENTREVISTADA LUCIMARA, 2022).

Imagem 06 - Pesquisadora na parte externa do prédio da agroindústria coletiva Sabores do Campo



Fonte: arquivos da autora da pesquisa, 2022.

O modo de fabricação do queijo feito na agroindústria é totalmente diferente ao que elas estavam acostumadas a fazer em casa, o leite tem que passar por um processo de pasteurização, diferente do feito em casa que se utilizava o leite cru. São processos diferentes que influenciam no sabor do produto, e será outro desafio para elas, conquistar esses novos consumidores(as) com esse novo produto no mercado, como conta Ana, que vem escutando de parte de seus clientes, para que ela não deixe de trazer o outro queijo artesanal, porque o sabor deles é diferente e que os fabricados agora na agroindústria, teria o mesmo sabor do queijo do mercado.

[..] o queijo normal, assim caseiro, feito em casa é bem diferente, mas esse pasteurizado é muito bom também, e as companheiras Carmem e Marivania trabalham muito bem fazendo eles (ENTREVISTADA ANA, 2022).

Afirma a entrevista Carmem:

[..]nos desafiou a aprender mais e a fazer um queijo diferenciado daqueles que a gente maturava no sol né, e esse queijo pasteurizado não pode ir pro sol, não pode pegar uma temperatura muito alta. Então foi um desafio, a gente aprendeu a fazer esse queijo diferenciado, mas muito gostoso. Graças a Deus a gente acertou na receita (ENTREVISTADA CARMEM, 2022).

Imagem 07 - Parte interna do prédio da agroindústria coletiva com alguns equipamentos utilizados para fabricação dos queijos



Fonte: arquivos de professora Cassiane, 2022.

Além dos desafios para inserir o novo produto formalizado no mercado local, as barreiras impostas em decorrência dos custos elevados para produzir são enormes. Conforme afirma a entrevistada Ana, antes de formalizar elas conseguiam enxergar o retorno financeiro com a venda dos queijos artesanais, mas agora com o queijo pasteurizado, feito na agroindústria e legalizado, ainda não gera sobras. Sem falar no custo que é repassado ao queijo para comercialização, que acaba se tornando um produto caro em relação ao público de consumidores(as) que elas abrangem.

O que acontece de que eles acabam não tendo tanta aceitação, como a gente trabalha com um público assim, não vou dizer pobre, mas com dificuldades de recursos financeiros, o que impede e o que nos empata quando chega é o valor, no sentido de que pesa no bolso da família que vai comprar, porque o queijo nos últimos anos virou produto de luxo, digamos assim. Então come queijo quem tem um pouco mais de recursos pra comprar, porque o dinheiro desvalorizou e as pessoas tem prioridades em comprar outros alimentos pra poder ter uma alimentação saudável durante o dia, nas três vezes ao dia. Então o que impacta no consumidor é o preço do queijo, porque em

comparação o queijo feito em casa e o feito na agroindústria é bem diferente o preço, porque os custos são diferentes (ENTREVISTADA LUCIMARA, 2022).

Por se tratar de uma fase inicial dos trabalhos, realizados por elas as mulheres da agroindústria coletiva, todos os passos, estratégias e acertos são decididos com o grupo. Contando sempre com o apoio de pessoas e instituições, envolvidas com esse trabalho, formando uma rede de apoio e suporte necessário para que a produção seja inserida no mercado agroalimentar local da melhor forma, tanto para os consumidores(as), quanto para as famílias que compõem a agroindústria.

Tive a oportunidade de participar de uma dessas reuniões, que tratava das questões de custos e venda dos queijos. Convidada pela professora Cassiane, que mediou o diálogo com algumas mulheres da agroindústria, e contou com a participação do professor Marco Aurélio Torres Rodrigues, da UERGS. Ele, que trabalha com ciências exatas, teve acesso a planilhas de custos fixos e variáveis da agroindústria, para assim, dar sugestões nas questões de formação de preços e escala de produção.

Imagem 08 - Reunião de planejamento da agroindústria realizada de forma remota em novembro de 2022



Fonte: arquivos de professora Cassiane, 2022.

A caminhada pela formalização da produção dos queijos das mulheres do Cerro dos Munhoz, nasceu a partir de um sonho coletivo e necessidade de inserção no mercado, se deparou com muitos empecilhos e ainda se depara com alguns, mesmo após a aprovação do selo para comercialização. Mas essas mulheres não pararam em nenhum momento, muitas vezes desanimaram, mas deram continuidade, uma levantando a outra.

Então é muita dificuldade, tem vez que tu desanimas, e desanimas mesmo, e diz: Ah não vou mais me incomodar. Mas daí tu para e pensa: não, a gente é um coletivo, somos 10 famílias e se nós desistir agora, a gente vai deixar o capitalismo nos vencer. E a gente é MST, a gente é movimento, a gente é pequeno produtor. A gente sempre sofreu, sempre tem preconceito contra nós, sempre tivemos essa dificuldade e nossos pais e nossos avós, e nós enquanto pequenos juntos com eles. Então não, nós vamos enfrentar, vamos ver qual é o meio que a gente consegue contornar a situação, e vamos em frente, não vamos desanimar, cabeça erguida e persistência sempre. (ENTREVISTADA LUCIMARA, 2022).

A fala de Lucimara traz uma história de lutas e resistências desse grupo. É possível perceber que o coletivo é colocado à frente do individual. Sobre as dificuldades que Lucimara menciona, são muitas. Um dos principais desafios da agroindústria que está iniciando é o acesso ao mercado. A comercialização vem sendo feita através da feira por mulheres do grupo ou da entrega nas casas de consumidores(as) a partir de encomenda por redes sociais.

Estabelecer o preço de venda do produto vem sendo um problema. Por um lado, as famílias que consumiam o queijo colonial feito de maneira informal pelas famílias não aceitaram bem o preço do produto formalizado. Assim, as vendas diminuíram. Por outro lado, os custos para a produção do queijo subiram consideravelmente com a formalização. A partir de planilha de cálculos organizada por profissionais da ASCAR-EMATER/RS é possível observar que o preço cobrado atualmente pelo produto deixa uma margem de lucro pequena. Entretanto, as mulheres têm receio de aumentar, não estar de acordo com a realidade das famílias consumidoras e perder mais consumidores(as).

Uma alternativa que vem sendo construída é aumentar consideravelmente a escala de produção para diminuir o valor por kg de queijo produzido. Uma das expectativas do grupo é a comercialização via mercados institucionais. Estão se preparando para acessar o Programa Nacional de Alimentação Escolar (PNAE) que oferece um bom valor por kg do produto.

Outra opção é a comercialização para mercados da cidade. O primeiro compromisso já foi firmado por uma integrante do grupo com um dos mercados locais. Pretendem fazer propostas a outros.

As mulheres também cogitam a possibilidade de diversificar a produção, produzindo bebida láctea, que utiliza subproduto da fabricação dos queijos, e manteiga. Ambos os produtos têm boa aceitação nos mercados institucionais. Como as famílias que integram a agroindústria coletiva também fazem parte da Coperforte, pensar a comercialização fora do município através da cooperativa também pode ser uma possibilidade.

6.4 A coletividade entre mulheres camponesas que gera força e visibilidade

Como podemos perceber, a mulher a muito tempo já está à frente de muitas questões, somos livres e capazes para alcançarmos tudo o que desejarmos, seja relacionado com âmbito pessoal ou profissional. Embora, todas nós saibamos da força e do lugar que conquistamos ao longo dos anos, sempre existiu uma insegurança em relação ao que essa força causa e representa na sociedade. Isso pelo fato de vivermos em uma sociedade, onde o machismo e misoginia se fazem muito presente, limitando, oprimindo e intimidando essa mulher que toma a frente de uma luta, seja um cargo de liderança, ou uma causa social ou até mesmo, uma luta política.

E quando se trata de mulher, camponesa e assentada da reforma agrária, parece que a luta é ainda maior, por se tratar de espaço rural, historicamente protagonizado pelo universo masculino, envolvendo questões de gênero e luta pela terra, tendo como base movimentos sociais como no caso do MST. Essas mulheres camponesas que são assentadas pela reforma agrária, sabem muito bem a diferença que faz um trabalho em equipe. Não apenas elas, mas todo o grupo do assentamento, da mesma maneira os homens, jovens e crianças, sendo um marco dentro do movimento esse

espírito coletivo à frente das lutas pela terra, para em cima delas trabalhar e construir suas vidas, na busca de maior igualdade social. É algo que vem das bases do movimento, desde os acampamentos onde muitos cursos de formações são realizados para empoderar essas mulheres e para estimular a juventude.

Ao longo das entrevistas realizadas com as mulheres do assentamento, percebi em todas o senso de coletividade, quando não pensam apenas no individual, mas sim em uma comunidade como um todo. Todas enxergam o quanto necessário é pensar coletivo para que a formalização da produção dos queijos fosse possível. E o MST faz esse trabalho lindamente desde a sua formação, conforme fala a camponesa Oliva.

Acho que já fizemos parte do coletivo por causa do próprio movimento, quando nós estávamos acampados tivemos várias formações. E em conjunto a gente ocupava as mulheres para fazer tudo, então no movimento a gente dividia mais o trabalho, então o coletivo é da formação do movimento. (ENTREVISTADA OLIVA, 2022)

Percebi nas falas de Ana, Carmem, Lucimara, Marli e Oliva, que foram entrevistadas, a real importância e valorização que uma consegue reconhecer sob a outra, e para mim enquanto mulher e feminista é lindo presenciar essa união de mulheres. Da jovem até a mais velha, que sabem da força que juntas elas têm, e que organizadas com um objetivo em comum, os resultados seriam muito melhores se individualmente tentassem formalizar a produção de queijos.

A necessidade do empoderamento da mulher, porque elas já faziam feira né, daí a gente veio morar pra mais perto da minha sogra e começamos a potencializar mais a feira que ela já fazia por vários anos. Então nesse sentido de que as mulheres seguiriam em frente desse negócio e que pra poder valorizar o queijo delas, o produto aqui do assentamento e apesar da agroindústria ser familiar, mas quem faz a gestão e quem organiza são as mulheres. (ENTREVISTADA LUCIMARA, 2022).

A coletividade como forma de fortalecer esse grupo de mulheres, que tinham um sonho de sair da maneira informal de produção e comercialização do queijo foi um ponto essencial. Além disso, traz uma marca de território, onde busca-se valorizar a produção de um produto feito por mulheres de um assentamento de reforma agrária do município de Sant'Ana do Livramento. E assim, representa identidade, proporcionando visibilidade, não apenas para o

Cerro dos Munhoz, mas sim, para toda a região e principalmente para essas mulheres.

É gratificante para mim que sou natural do município de Sant'Ana do Livramento, presenciar essas conquistas, principalmente de pessoas que sofreram tanta discriminação logo que aqui foram assentadas. Segundo o que a entrevistada Ana comenta, eles passaram muitas dificuldades na época do acampamento e após a conquista do lote também. Mas também agradecem as pessoas boas que ela e sua família encontraram no município.

[..] ficamos três anos acampados, e com as crianças, passamos muita fome, frio, medo, na época era o regime militar. Então foi muito brabo. Era polícia PF, matou vários companheiros nosso na luta. E a gente teve que resistir, porque o nosso objetivo era ganhar a nossa terra, pra ter onde trabalhar e criar os nossos filhos. Aí nos convidaram pra vir pra fronteira. Aí foi uma outra história, muito difícil. Chegamos aqui a gente não tinha nada antigamente, não tinha comida, nada. Porque o Governo simplesmente botava as pessoas em cima da terra e não dava assistência. A gente começou trabalhar e lutar muito e também passamos fome. Inclusive uns vizinhos nosso aqui nos davam cebo de ovelha pra nós e guisado pra nos tempera as panelas. Então a gente agradece muito os vizinhos. Tivemos muito apoio, assim como tivemos muitos que não entendiam e não conheciam a nossa história e diziam que a gente era invasor [..] (ENTREVISTADA ANA, 2022).

Segundo o que relata Marli, a vinda dos assentamentos para a região gerou muitos conflitos por parte dos fazendeiros locais, que não queriam a chegada do pessoal do MST ao município, além dessas dificuldades, teria a dificuldade de adaptação ao um clima totalmente diferente do que estavam acostumados para iniciar as atividades agrícolas.

Foi difícil nosso contato com eles, porque tinha todo um trabalho político feito pelos fazendeiros e pelo poder público contra a nossa vinda. Então diziam que nós era todos bandidos e sequestradores e não sei mais o que, e isso persiste até hoje essa certa discriminação que a gente sofre. Por mais que hoje tenham muitos santanenses assentados e a maioria dos familiares visitam os assentamentos e conhecem, ainda a gente encontra isso e ainda tem bastante resistência. Porque foi um trabalho todo feito ao longo dos anos contra nós (ENTREVISTADA MARLI, 2022).

É com essa visão de coletividade, de trabalho conjunto em prol de uma causa, de um reconhecimento ou do objetivo que venha a existir, que os laços são fortalecidos, e os projetos tendem a dar certo. Apesar das dificuldades

enfrentadas, as valentes mulheres do assentamento Liberdade no Futuro, souberam enfrentar esses caminhos desafiadores, assim como, coletivamente a mais ou menos 31 atrás, permaneceram resistentes e unidas para iniciar a vida na fronteira.

E mais uma vez, coletivamente a 20 anos atrás formaram uma importante cooperativa de leite no município, fomentando a bacia leiteira da região, onde a poucos dias inaugurou-se a tão sonhada fábrica de ração. Logo, sabemos que não seria diferente com essas mulheres feirantes, mobilizadas e unidas para juntas formalizar a produção do queijo para comercializar, e para isso formaram uma agroindústria coletiva, partindo de um sonho coletivo como lembra Carmen, quando fala que essa conquista da agroindústria é o sonho coletivo que não morreu.

Cada uma delas, sabe da importante participação que exercem nas atividades em prol do funcionamento da agroindústria, as divisões das tarefas e tomadas de decisões são pensadas em grupo, de maneira que seja possível de cada uma realizar. O envolvimento das dez famílias que compõem a agroindústria começa desde o recebimento do leite. Com a ajuda dos meninos na hora de carregar os tarros, como fala Carmem, que conta com a ajuda de seu filho, Iago. A fabricação dos queijos pertence a algumas mulheres que ficam encarregadas dessa parte, assim como outras se encarregam de comercializar, e Lucimara responsável pela parte administrativa da agroindústria.

Aqui no nosso assentamento as mulheres estavam à frente de muitas coisas, e a gente tomou frente a isso aí, e já tinha uma certa organização das mulheres na tecelagem [...] aí a gente teve a ideia, na verdade elas me pediram ajuda: ajuda nós a fazer a agroindústria? Claro, ajudo não tem problema! E quando vi eu tava no meio (risos) (MARLI, 2022).

Com essa fala de Marli, sobre ajudar as companheiras de luta na formação da agroindústria coletiva, eu não poderia deixar de lembrar da causa feminista que é uma luta coletiva, e trazer esse hino, grito feminista sobre coletividade entre as mulheres: *“Companheira me ajude que eu não posso andar só, eu sozinha ando bem, mas com você ando melhor!”*

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

São muitas as dificuldades enfrentadas pelas mulheres assentadas do Assentamento Liberdade no Futuro para que a produção e comercialização dos queijos pudessem acontecer, de forma legal aos olhos das legislações sanitárias e com isso, ocuparem espaço no mercado agroalimentar local. As mulheres organizaram-se para percorrer o caminho da formalização da produção, e de maneira coletiva formaram uma agroindústria, para trazer visibilidade, identidade e assim, agregar valor aos seus produtos, além de poderem trabalhar sem o sentimento de estar cometendo um crime, sentimento demonstrado pela maioria das entrevistadas.

Constatei claramente nas falas das mulheres assentadas o compromisso de continuar produzindo um queijo artesanal para comercialização, um produto repleto de tradição, saber fazer, que traz consigo uma relação de confiabilidade, troca e respeito, entre consumidores(as) e agricultores(as). Um produto que está na mesa do trabalhador do campo desde sempre, como item de alimentação e é compatível com a renda familiar e quando comercializado nas feiras por elas realizadas nos pontos da cidade ou entregue nas casas. Como continuar garantindo essas condições com a produção formalizada? Eis o desafio, um grande desafio quando se considera o alto custo de produção por kg de queijo após a formalização.

Fica um questionamento presente, tanto para mim, enquanto acadêmica e pesquisadora, trabalhando sempre na busca do conhecimento, quanto para essas mulheres, protagonistas de histórias de lutas na busca de visibilidade a cada dia mais na sociedade: Para que um produto seja considerado de qualidade e apto para ser comercializado e consumido, como denomina a legislação, ele deveria estar enquadrado no que essa qualidade, atribuída apenas a questões de higiene sanitária, e regularização mediante um selo de certificação diz ser o correto? Ou, possamos atribuir qualidade também ao diferencial único que os produtos artesanais carregam, como sabor, tradição e confiabilidade nas relações, como por exemplo? Isso, sabendo dos cuidados higiênicos na hora da fabricação do queijo, fundamentais e indispensável para

qualquer produção, seja artesanal ou de uma agroindústria como relatado pelas mulheres.

Verifiquei a diferença que um trabalho coletivo de mulheres causa, quando se têm um propósito. Constatei a importância do MST na vida dessas mulheres do assentamento Liberdade no Futuro, base para formação de um povo, na luta por igualdade agrária e social, representando inspiração e força, onde quer que estejam inseridos(as). Esse exemplo é necessário e importante na luta de enfrentamento aos preconceitos, ao patriarcado e a quaisquer tipos de opressões enraizadas na sociedade. E as ver, contornando esses obstáculos na realização de um sonho coletivo, que é a agroindústria coletiva de mulheres assentadas, é muito gratificante, a mim enquanto mulher e feminista. Reconheço, dessa forma, o valor da união de mulheres que estão à frente (quer seja de uma agroindústria, quer seja de suas vidas).

O trabalho evidenciou, nitidamente, com base nas entrevistas e materiais utilizados, que a inserção das agroindústrias familiares nos mercados agroalimentares acontece, de forma muito desigual comparado a outros tipos de agroindústrias. Isso se dá pelo fato das leis para abertura e funcionamento de uma agroindústria não coincidirem com a realidade de uma agroindústria familiar. Os custos são elevados, seja em relação a investimentos com infraestrutura, equipamentos, pagamento de responsável técnico, taxas, rótulos, embalagens etc. Isso, muitas vezes, contribui para a informalidade. É necessária uma revisão das leis atuais para uma possível flexibilização a cerca desse assunto.

A agroindústria coletiva das mulheres do Cerro dos Munhoz, caminha em processo inicial dos trabalhos formalizados, como apontou a pesquisa. Está ainda na fase inicial na busca de encontrar espaço e visibilidade no mercado local. Um trabalho de pesquisa de mercado ainda vem sendo realizado, na formulação de preços e também na capacitação diária das mulheres, na busca de aperfeiçoamento como cursos realizados por elas, para produção de um queijo agroindustrializado da melhor maneira possível, com qualidade e acessível aos(as) trabalhadores(as).

Finalizo, reconhecendo a importância desse trabalho para contribuição

local, por se tratar de temas tão necessários a serem expostos e discutidos. E para mim, é de extrema importância para conclusão de um ciclo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLENDE, R. M. **“A arte de fazer feira”**: o papel das mulheres assentadas da reforma agrária na construção das feiras em Sant’Ana do Livramento/RS. Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Santana do Livramento, UERGS, 2019, 104p.

ALMEIDA, I., JESUS, C. P. **Feminismo Camponês Popular. Reflexões a partir de experiências do Movimento de Mulheres Camponesas**, São Paulo SP, 1º edição, p. 75-85. 2020.

ARO, D. T.; FERRANTE, V. L. S. B. Mulheres Assentadas: da Invisibilidade ao Protagonismo. **Retratos de Assentamentos**, [S. l.], v. 16, n. 1, p. 199-226, 2013. DOI: 10.25059/2527-2594/retratosdeassentamentos/2013.v16i1.135.

BASTIAN, L.; WAQUIL, D. P., GAZOLLA, M (2014). **Agroindústrias rurais familiares e não familiares: uma análise comparativa**. *Redes*, 19(3), 51-73.

CALDAR, R. S. **O MST e a formação dos sem-terra: o movimento social como princípio educativo**. *Estudos Avançados* [online]. v. 15, n.43, 2001 2001.

CARTER, M. **Desigualdade social, democracia e reforma agrária no Brasil**. In: CARTER, M. (org.). **Combatendo a desigualdade social. O MST e a reforma agrária no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2010. p. 27-78.

COMPARATO, B. K. **Ação política do MST**. São Paulo em Perspectiva [online]. 2001, v. 15, n. 4, pp. 105-118.

COSTA, C.; MARIN, J. O. B. (Org.) **Gênero e Campesinato no Sul do Brasil: Dominação Masculina e Transformação**. 1. ed. Curitiba: Editora CRV, 2018.

CRUZ, F. T.; SCHNEIDER, S. **Qualidade dos alimentos, escalas de produção e valorização de produtos tradicionais**. *Revista Brasileira de Agroecologia*, 5 (2), pp. 22-38. 2010.

DE CAMPOS, A. M. J.; DA COSTA, C. **Mulheres do Cerro conectadas para a reinvenção da feira e a promoção da vida durante a Pandemia de COVID-19**. *Cadernos de Agroecologia*, v. 17, n. 3, 2022.

DEL GROSSI, M. E.; DE AZEVEDO MARQUES, V. PM. **Agricultura familiar no censo agropecuário 2006: o marco legal e as opções para sua identificação**. *Estudos Sociedade e Agricultura*, 2010.

FARIAS, M. F. L. (2011). **Mulheres no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)**. In *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*. São Paulo.

GIL, A. C **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. Ed. Atlas, 6º edição, 2017.

MALUF, R. S. **Mercados agroalimentares e a agricultura familiar no Brasil: agregação de valor, cadeias integradas e circuitos regionais**. *Ensaio FEE*,

v. 25, n. 1, p. 299-322, 2004.

MALUF, R.; WILKINSON, J. **Projeto “Ações de suporte ao Pronaf - agroindústria na área de informações e gerenciamento de mercado”**: relatório parcial. Rio de Janeiro, CPDA/UFRRJ, 1999.

MEDEIROS, L. S. **Assentamentos rurais e gênero: tema de reflexão e pesquisa**. In: LOPES, Adriana L.; BUTTO, Andrea (Org). *Mulheres na reforma agrária*. Brasília: MDA, 2008. p. 7-18.

PAVAN, D. **O CAMINHO FEMININO PARA A REFORMA AGRÁRIA**. *Revista Nera, [S. l.]*, n. 3, p. 28–44, 2012.

PREZOTTO, L. L. **Qualidade ampla: referência para a pequena agroindústria rural inserida numa proposta de desenvolvimento regional descentralizado**. 2008.

PREZOTTO, L. L. **Uma concepção de agroindústria rural de pequeno porte**. *Revista de Ciências Humanas, Florianópolis*, n. 31, p. 133-154, abr. 2002.

PELLEGRINI, G., GAZOLLA, M. **A Agroindustrialização da produção como estratégia de produção social da agricultura familiar**. *Estudos Sociedade e agricultura*, V. 17, n.2, volume 02 - outubro de 2009.

SCHINAIDER, A. D. et al. **Agroindústria: conceitos e relação com o desenvolvimento rural. Gestão e planejamento de agroindústrias familiares**, p. 9, 2018.

SCHNEIDER, S.; SCHUBERT, M. N.; ESCHER, F. **Revista Mundo e Meio Ambiente e Agrárias**. Curitiba PR, v.1, n.1, 3, jan./jun.2016.

SCHNEIDER, S. **Mercados e agricultura familiar**. In: MARQUES, F.C.; CONTERATO, M.A.; SCHNEIDER, S. **Construção de mercados e agricultura familiar: desafios para o desenvolvimento rural**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2016, p. 93-140.

SCHNEIDER, S. **Agricultura familiar e industrialização: pluriatividade e descentralização industrial no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999a.

SILVEIRA, P.R.C.; HEINZ, C. **Controle de qualidade normativo e qualidade ampla: princípios para re-estruturação e qualificação da produção artesanal de alimentos**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DESENVOLVIMENTO RURAL E AGROINDÚSTRIA FAMILIAR, I, 2005, São Luis Gonzaga. Anais... São Luis Gonzaga/RS, 2005.

TÁBOAS, I. M. **É LUTA!** Feminismo Camponês Popular e Enfrentamento à Violência. Rio de Janeiro: Editora Lúmen Júris, 2018.

APÊNDICE – ROTEIRO DE QUESTÕES

- 1) Primeiramente gostaria de saber um pouco sobre a senhora, uma breve apresentação. Como a senhora se chama? É natural de onde?
- 2) Como surgiu a ideia de criação de uma agroindústria?
- 3) Por que uma agroindústria coletiva com mulheres a frente?
- 4) Para a senhora na posição de mulher/ camponesa/ assentada como é estar envolvida nesse processo de formalização das produções de queijos? A senhora sempre produziu o queijo para a família?
- 5) O modo de preparo dos queijos a senhora aprendeu com a família? Acredita que formalizando o sabor irá mudar?
- 6) Na sua opinião o que significa dizer que um produto possui qualidade? O queijo sem formalizar também tem qualidade? Por quê?
- 7) Como eram comercializados os queijos antes da formalização? Muitas dificuldades Com a Fiscalização sanitária?
- 8) A senhora produzia os queijos através de encomendas? Quais os locais de vendas?
- 9) O que a senhora acha das exigências para formalizar uma agroindústria de queijos?
- 10)Quais as dificuldades enfrentadas no processo de formalização da produção? Se possível detalhe de como aconteceu desde o começo a agroindústria e as dificuldades que passaram e passam.
- 11)Em algum momento já cogitou a hipótese de desistir da formalização e comercialização dos queijos?
- 12)Como a senhora vê as produções de alimentos locais aqui no município, tem uma boa aceitação pela população?
- 13)A senhora tem muitos clientes? Recebe muitos elogios? Gosta do que faz?
- 14)Para a senhora o mercado local valoriza a produção da agricultura familiar?

- 15) A senhora consegue obter um rendimento significativo na venda dos queijos?
- 16) Quantas pessoas / famílias/ mulheres fazem parte do processo de transformação da matéria prima até chegar no produto final?
- 17) Como acontece as divisões de tarefas da agroindústria coletiva? Como vocês tomam as decisões?
- 18) Qual a sua perspectiva em relação a formalização da produção dos queijos, ou seja, como a senhora enxerga o futuro da agroindústria coletiva?
- 19) Quais são os desafios a serem vencidos para a agroindústria?